



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no ato de anúncio da criação da Universidade Federal do Pampa

Bagé-RS, 27 de julho de 2005

Senhor Germano Rigotto, governador do estado do Rio Grande do Sul,
Senhor Tarso Genro, ministro da Educação, que deixa o seu cargo na próxima sexta-feira, para que o nosso querido Fernando Haddad assuma o Ministério da Educação,

Meu caro deputado Ronaldo Zülke, vice-presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul,

Senhor Luiz Fernando Mainardi, prefeito de Bagé, e sua senhora,

Meus companheiros deputados federais Marco Maia, Maria do Rosário, Osvaldo Biolchi, Paulo Pimenta, Luis Carlos Heinze e deputado Orlando Desconsi,

Professor Francisco Arno Vaz da Cunha, Reitor da Urcamp,

Professor Antônio César Gonçalves Borges, reitor da Universidade Federal de Pelotas,

Professor Paulo Jorge Sarkis, reitor da Universidade Federal de Santa Maria,

Professor José Carlos Hennemann, reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

Professor João Carlos Cousin, reitor da Universidade Federal do Rio Grande,

Meus companheiros deputados estaduais,

Prefeitos aqui da região,

Vereadores,

Secretários estaduais,

Companheiros que acompanham a minha delegação,



Estudantes,

Meus queridos e queridas companheiras, eu ia citar, aqui, as cidades: Aceguá, Alegrete, Barra do Caraí, Caçapava, Cacequi, Candiota, Dom Pedrito, Poligui, Unha Negra, Itaqui, Lavra do Sul, Maçambará, Manoel Viana, Nova Esperança, Pinheiro Machado, Piratini, Quarai, Rosário, Santa Margarida, Santa Maria, Santana da Boa Vista, Santana do Livramento, São Borja, São Francisco de Assis, São Gabriel, São Sapé, São Vicente do Sul, Vila Nova do Sul, Novo Cabrais, Cachoeirinha e Gravataí,

E meus companheiros e companheiras de Bagé, muito boa tarde,

Se eu esqueci alguma cidade, eu quero pedir desculpas a vocês. Nós temos um problema de tempo, porque o avião tem que sair cinco e meia, porque não tem luminosidade, não tem luz. Vamos tratar, Rigotto, de fazer uma parceria aí, para colocar uma luzinha nesse aeroporto.

Mas, companheiros, eu tenho um pronunciamento escrito, mas antes eu queria dizer duas palavras a vocês. Não há, na história da humanidade, nenhum povo que conseguiu se desenvolver sem que antes houvesse investimentos em educação.

No Brasil, isso não aconteceu porque, durante muitos e muitos anos, os homens que governavam este país não entendiam o dinheiro da educação como investimento, entendiam como gastos. E por isso, sempre que se discutia colocar dinheiro na educação, se colocava a educação no mesmo patamar de qualquer outro ministério ou de qualquer outro investimento do governo.

O novo governo, por determinação de quem aprendeu na prática o valor da educação, cada centavo que nós colocamos na educação, é a certeza de que nós estamos construindo, cada vez mais, uma cidadania de primeira classe para todos os 180 milhões de brasileiros.

Por isso, eu estou feliz de estar aqui, neste momento histórico para a metade Sul do Rio Grande do Sul. Essa metade que, se em algum tempo já foi



a parte mais desenvolvida do estado, de uns tempos para cá passou a ser a parte mais esquecida do estado.

Não queremos culpar ninguém, não queremos dizer quem é que foi responsável pelo esquecimento do desenvolvimento dessa região. O que nós queremos é tentar encontrar soluções para que daqui para a frente recuperemos o tempo perdido e façamos do Rio Grande do Sul, como queremos fazer de todo o Brasil um país de igualdade de oportunidades, onde em qualquer cidade em que a pessoa morar, tenha a possibilidade de acesso aos serviços públicos de boa qualidade.

E isso não é fácil. Não é fácil porque, historicamente, se partia do princípio de que pobre não precisa estudar. Este país, historicamente, foi governado para menos de um terço da sua população, sem se lembrar que a construção da Nação forte que nós queremos construir, só será essa Nação forte no dia em que este país estiver sendo governado e atendendo as aspirações dos 180 milhões de brasileiros.

É por isso que nós tomamos essa atitude. Essa atitude de já aprovarmos algumas coisas importantes na educação, mas a mais importante, sem dúvida nenhuma, foi o Fundeb, que era uma aspiração histórica e que é a razão principal pela qual, um dia, os estados mais pobres do Brasil, principalmente Norte e Nordeste, terão condições de ter a mesma oportunidade dos estados mais ricos da Federação.

E não é apenas em educação. Se nós analisarmos, meu querido ministro Tarso Genro, meu querido governador, o que foi feito neste país, no campo da agricultura familiar, nós vamos perceber que, em 30 meses, nós pulamos de 2 bilhões e 400 milhões para 6 bilhões e 100 milhões de reais de investimento na agricultura familiar. Pulamos de 900 mil contratos para 1 milhão e 700 mil contratos em apenas 30 meses.

Se nós analisarmos, quando chegamos, em janeiro de 2003, gastava-se neste país, com transferência de renda, apenas 2 bilhões e 200 milhões, e nós,



30 meses depois, estamos gastando 6 bilhões e meio e, se Deus quiser, chegaremos em 2006 gastando mais de 8 bilhões com transferência de renda através do Bolsa Família. Se nós chegarmos à conclusão de que os benefícios pagos à sociedade brasileira que ganha um salário mínimo, saltaram de 98,9 bilhões de reais, em 2002, para 165 bilhões de reais, 30 meses depois, se nós analisarmos o que cresceu a saúde, os investimentos que nós fizemos em segurança pública, nós vamos analisar porque a economia brasileira está crescendo, nós vamos chegar à conclusão, porque as exportações batem recordes atrás de recordes, nós vamos começar a pensar: por que desde 1982, 1992, até 2002, a média mensal de empregos criados no Brasil era de apenas oito mil empregos com carteira profissional assinada durante os últimos dez anos. E em 30 meses do nosso governo a média mensal de geração de emprego com carteira assinada já não é de 8.037, é de 104 mil empregos por mês nesses 30 meses em que estamos governando o país.

Esses dados podem deixar algumas pessoas inquietas, porque as pessoas – lamentavelmente é assim no Brasil – as pessoas normalmente torcem para que o eleito seja pior do que ele, normalmente torcem para o fracasso daquele que o sucede. É como se o povo não valesse nada, é com se o povo fosse apenas um objeto de valor específico no dia das eleições, porque quando o povo vota, qualquer que seja o candidato, o povo vota com a esperança de que as coisas vão melhorar. E fica esperando. Mas aqueles que perdem, muitas vezes, ao invés de se conformarem com a derrota, ficam torcendo para que haja o fracasso do eleito.

E vocês, aqui, esse povo inteligente, sabe quanta gente achava: “Ah, o Lula vai ser eleito. No final de quatro anos vai ser um fracasso tão grande que nunca mais vamos eleger alguém parecido com o Lula.” E eu estou pedindo a Deus para chegar o dia 31 de dezembro de 2006 e poder comparar cada coisa que nós fizemos com os últimos 20 anos, para ver se existiu na história deste país, alguém que investiu mais em políticas públicas do que nós temos



investido.

O companheiro Olívio Dutra não é mais ministro, mas nos 30 meses em que ele esteve no Ministério, o investimento em saneamento básico, nós investimos 14 vezes mais do que tudo que foi investido de 1999 a 2002, porque o Brasil passou muitos anos sem cuidar do saneamento básico.

Eu queria dizer essas coisas porque nem sempre nós somos informados das verdades que acontecem no país. Muitas vezes as pessoas preferem vender a desgraça do que vender as coisas boas que acontecem no dia-a-dia da vida deste país. E tem acontecido coisas extraordinárias, sobretudo nessa área que eu vou dizer agora para vocês.

Por isso, eu queria, meu companheiro Fernando Haddad, já não é mais com o Tarso, vai ser com você. Eu recebi um bilhete de um companheiro, aquele cidadão simpático ali – levanta a mão Luis Fernando. Ele mandou um bilhetinho para mim, é o seguinte: “Só Deus e o senhor podem me ajudar, porque eu preciso estudar.” Então, meu caro, eu vou passar para você. Você, o Mainardi e o governador Rigotto, terão que fazer uma parceria para resolver o problema, porque neste país o pobre já tem dificuldade de chegar à universidade. E se ele for pobre, e além de pobre for negro, ele tem dupla dificuldade de chegar à universidade neste país. É por isso que nós nos orgulhamos do ProUni, porque o ProUni exige uma participação dos pobres das escolas públicas, mas dentre os pobres, uma grande participação dos negros e dos índios, para que a gente possa sonhar, num curto espaço de tempo em ter uma sociedade de verdade, solidária, justa e, socialmente, atendendo aos interesses do seu povo.

Por isso estou hoje em Bagé, para anunciar as ações do governo federal que vão atender às justas demandas por ensino público e de qualidade na metade Sul do nosso querido estado do Rio Grande do Sul.

Como passo inicial, estamos implantando os *campi* universitários de Bagé e de Jaguarão e das demais cidades, através da extensão da



Universidade Federal de Pelotas e de Santa Maria

Nos próximos dois meses vamos enviar Projeto de Lei ao Congresso Nacional para a criação da Universidade Federal da Região do Pampa, o que deverá ocorrer em até três anos e beneficiar, quando estiver totalmente instalada, em torno de 10 mil alunos da região.

Essas iniciativas, tenho certeza, representam uma nova e promissora etapa para a educação superior em toda esta região da metade Sul do estado.

Minhas companheiras e meus companheiros,

Tenho dito que o nosso governo está fazendo uma revolução na educação brasileira. Uma revolução que, aos poucos, vem sendo reconhecida pelo nosso povo.

Nos últimos 30 meses temos feito grandes investimentos na educação. E esta é, sem dúvida, uma excelente maneira de empregar os recursos públicos em benefício da totalidade da sociedade.

Sancionei ontem, por exemplo, a lei que cria a Universidade Tecnológica do ABC paulista e, na próxima sexta-feira, será a vez da Universidade do Recôncavo Baiano, da Universidade de Dourados, no Mato Grosso do Sul; da Universidade de Viçosa, em Minas Gerais; e de Medicina, em Uberlândia.

Além disso, estamos criando outras 32 extensões de universidades, ou seja, levando cada vez mais para o interior do país universidades federais que, em sua maioria, estão localizadas nas capitais ou em pólos regionais, como Pelotas e Santa Maria.

É o caso das que estamos anunciando hoje aqui, de Bagé e mais nove cidades. Mas é o caso também das extensões que estamos implantando, por exemplo, no meu estado de Pernambuco, levando a Universidade Federal, localizada no Recife, para Garanhuns e Caruaru. E dizer para vocês que é importante também saber que nós estamos levando a Universidade Federal para uma das regiões mais pobres do país, que é a cidade de Teófilo Otoni, no Vale do Mucuri, no estado de Minas Gerais. E nós estamos levando as



extensões federais porque nós entendemos que atrás de uma universidade vai o conhecimento, vai a possibilidade do desenvolvimento, vai a geração do emprego e vai a formação de gente pobre que nunca sonhou em fazer universidade. Todo esse processo exigirá contratações para as novas universidades públicas e para as atuais de mais de seis mil docentes.

Quero afirmar para vocês que, se Deus quiser, todas as regiões do Brasil vão receber extensões de universidades federais. Vamos transformar cada universidade federal de um estado, que está na capital ou numa cidade pólo, numa ramificação que possa levar possibilidade de ensino às cidades médias brasileiras e, de preferência, aos lugares mais pobres do nosso país. É o caminho que estamos trilhando para fazer com que as nossas cidades – mesmo as pequenas e médias – possam concretizar o seu potencial de desenvolvimento. Tudo isso traduz o nosso compromisso programático com o fortalecimento e ampliação do ensino público no Brasil.

Tenho certeza de que os jovens brasileiros, principalmente os mais pobres e que vivem em regiões remotas, estão mais esperançosos e confiantes de que, um dia, poderão ter uma universidade na sua região.

Outra realização de grande destaque nessa revolução educacional que estamos fazendo no nosso país é o Programa Universidade Para Todos, o ProUni, uma bela iniciativa do companheiro Tarso Genro e de sua equipe.

Existia um problema histórico no país. Milhares de jovens que concluíam o 2º grau, prestavam o vestibular, eram aprovados e quando iam fazer sua matrícula se defrontavam com um problema incontornável: não tinham como pagar a matrícula e, muito menos, como pagar a mensalidade.

Os cursos universitários, vocês sabem, normalmente custam muito além daquilo que as pessoas podem pagar, às vezes 800, 900, 1000 reais. E esses jovens, depois do sacrifício para passar no vestibular, eram obrigados a abandonar os estudos porque não tinham condições de arcar com suas despesas.



O que nós fizemos? Fizemos um acordo com as universidades privadas do Brasil. Em troca da isenção de alguns impostos, as universidades oferecem o valor correspondente em vagas para novos alunos. Só este ano já são 112 mil novos alunos nas universidades brasileiras, a maioria da periferia das grandes cidades, jovens que freqüentaram a escola pública e que não tinham condições de chegar à universidade. Em quatro anos, a expansão da universidade pública e o Prouni poderão beneficiar 760 mil novos alunos que terão acesso à educação superior. Além disso, oferecemos quotas para negros e índios, vítimas históricas da discriminação em nosso país.

Nosso governo está também construindo 32 novas escolas técnicas no país, para que tenhamos pelo menos uma delas em cada região brasileira. Assim, quem terminar o 2º grau e não puder fazer a universidade, ou ao terminar a 8ª série, poderá entrar num curso profissional, integrado ao ensino médio, e adquirir uma profissão e ampliar suas chances de obter um bom emprego.

No início de junho passado, enviamos ao Congresso Nacional o Projeto de Emenda Constitucional que cria o Fundeb, um sistema de financiamento muito mais abrangente do que o existente hoje, que vai atender não apenas o ensino infantil, mas também a educação fundamental e o ensino médio.

Penso que é preciso dar muita atenção a essa iniciativa. O Fundeb prevê o aumento progressivo de recursos para a educação, atingindo, ao final de quatro anos de transição, 4 bilhões e 300 milhões de reais. Esses recursos vão beneficiar, além das crianças e adolescentes que já estudam no sistema público, mais 17 milhões de jovens em todo o território nacional.

Quando o Brasil tiver mais jovens formados em universidades e escolas técnicas, mais engenheiros, mais médicos, mais arquitetos, mais técnicos em computação e muitos outros profissionais, certamente em veterinária também, certamente deixaremos de ser um país em vias de desenvolvimento e, definitivamente, seremos um país desenvolvido.



Minhas amigas e meus amigos,

Está parecendo o “Analista de Bagé”, aí, gritando...

Minha presença aqui na querida Bagé reafirma, mais uma vez, o compromisso de nosso governo com a educação pública de qualidade, e o nosso empenho em continuar trabalhando, não só em parceria com as comunidades locais como também com estados e municípios de todo o país.

Os projetos que tive o prazer de assinar aqui hoje, repito, representam um futuro muito mais promissor para a universidade pública e a população da Metade Sul do nosso querido estado do Rio Grande do Sul.

Meus amigos e minhas amigas, ministro, governador, prefeito, deputados, meus companheiros e minhas companheiras,

Eu vou dizer para vocês porque durante a campanha eu disse que era preciso um presidente que, quem sabe, não tivesse a formação universitária, como eu não tenho, para investir na educação que este país precisava. Por uma razão simples: muitos de vocês já sabem – eu digo sempre que posso – sou filho de pai e mãe analfabetos. Fui o primeiro, de uma família de oito irmãos, a aprender uma profissão. Aliás, fui o primeiro a ter o diploma primário, fui o primeiro a ter uma profissão. E, por conta dessa profissão, fui o primeiro a ganhar mais que um salário mínimo. Por conta dessa profissão eu pude conquistar a minha cidadania, trabalhar numa empresa grande, freqüentar o sindicato, aprender a ser sindicalista e virar Presidente da República.

Pois bem, eu tenho consciência do que representa a educação na vida do ser humano, mas tenho mais consciência do que representa a educação na parte mais pobre da população. Alguns – e Deus queira que a gente tenha muitos – podem escolher até estudar fora do país, e é bom que possam. Outros podem estudar, fazer pós-graduação fora do país, é importante que a gente tenha muitos, porque nós precisamos de mais doutores neste país, precisamos de mais inteligência, de mais conhecimento. Mas a grande maioria, que não tem esperança de fazer pós-graduação na Sorbonne ou em qualquer



outra universidade famosa, que não tem essa oportunidade, e que até agora não tem essa pretensão, não é menos inteligente do que aqueles que têm.

Possivelmente, o que está faltando para essa parte mais pobre é uma palavra mágica chamada “oportunidade”. E cabe ao Estado brasileiro criar oportunidade para que todos, independentemente da origem social, da cor, do sexo ou do credo religioso possam ter acesso à educação de qualidade, para que possam disputar as mesmas vagas, nos melhores cursos deste país e cursos espalhados pelo mundo afora.

Por isso, meu companheiro Tarso Genro, eu não poderia terminar o meu discurso sem agradecer o trabalho dignificante que você fez, junto ao Ministério da Educação, para o povo brasileiro. E mais ainda, Tarso: eu não poderia deixar de agradecer à competente equipe que você conseguiu montar, porque, certamente, você sozinho não daria conta da revolução que vocês fizeram nessa Pasta.

Vocês podem ficar certos de uma coisa: nós estamos vivendo momentos importantes: por um lado, o estado do Rio Grande do Sul sofre, por conta de uma seca que há 60 anos não acontecia. Outras regiões do país crescem, como o Amazonas, 18%. A indústria cresce. O saldo é muito positivo.

Mas, ao mesmo tempo, estamos vivendo uma crise política. É um tal de disse que disse, que eu não sei como é que vocês estão se sentindo. Eu me sinto indignado. Primeiro, porque nasci e vou morrer favorável a que todas as denúncias de corrupção, sejam no governo ou fora do governo, sejam apuradas na sua plenitude.

Segundo, porque todos aqueles que cometeram erros, sejam do meu partido ou de outros partidos, sejam católicos ou evangélicos, sejam homens ou mulheres, se cometerem erro, têm que pagar pelo erro que cometeram.

Terceiro: nesses últimos 20 anos não há um único momento na história do Brasil em que a ação do governo foi tão forte para prender corruptos. Peguem a imprensa, peguem de 1980 até a minha posse, para saber se a



Polícia Federal, nos últimos 20 anos, prendeu pelo menos metade das pessoas que prendeu nesses últimos três anos. Porque eu estou convencido que a corrupção no Brasil, e em outros países, é a razão de uma parte da pobreza do nosso povo. Se o dinheiro chegasse onde tem que chegar, na mão do povo que precisa, certamente nós já teríamos dado um salto de qualidade.

A única coisa que eu digo sempre: eu não faço julgamento precipitado. Eu acho que com a inteligência dos nossos investigadores, a gente precisa investigar, ir a fundo, seja o Congresso Nacional, na CPI; seja o Ministério Público ou a Polícia Federal, é preciso que a investigação seja feita dando às pessoas a oportunidade de defesa para que a gente possa não cometer erros.

Eu, da mesma forma que sou contra a pena de morte, sou contra a condenação *a priori* de qualquer pessoa. Vamos investigar, apurar, e somente os culpados terão que pagar. E os nomes de inocentes, que foram manchados pela imprensa do Brasil inteiro, alguém vai ter que pedir desculpa, porque neste país se aprendeu apenas a crucificar e a não pedir perdão quando se comete erros com muita gente neste país.

Quero dizer aos meus companheiros de Bagé que saio desta reunião, um pouco maior do que uma simples reunião, alegre. Olhando na cara de cada mulher, de cada criança, que está gritando pelos seus cursos. Não parem de gritar, porque se o silêncio resolvesse o problema deste país, nós tivemos 20 e poucos anos de autoritarismo, onde o silêncio era profundo e não resolveu o problema do país. Portanto, no meu governo, se tem uma coisa que vocês não vão ouvir de mim, nunca, é que parem de gritar e parem de reivindicar. Reivindiquem, briguem, defendam os seus direitos, porque somente com a sociedade em ebulição, somente com a sociedade se manifestando é que a gente vai construir este país verdadeiramente democrático, este país sem corrupção e este país onde o dinheiro público seja devolvido de forma justa, em benefício de toda a população.

E quero terminar dizendo uma coisa para vocês, que eu vou fazer



questão de dizer em todos os lugares do mundo: sou filho de mãe e pai analfabetos e o único legado que eu tenho na minha vida é a vergonha na cara. É o único legado que eu tenho na minha vida. E isso eu passei para os meus filhos, e isso é que eu quero que aconteça neste país.

Eu aprendi na minha vida que, muitas vezes, eu tive vontade de fazer coisa errada quando era moleque, e sabia que se eu fizesse, chegava em casa e a minha mãe, por mais necessidade que tivesse, era a primeira a me repreender.

Hoje, eu não tenho mais minha mãe, hoje eu tenho a minha consciência e milhões de brasileiros que confiaram em mim. E é em nome dessa confiança que eu prometo a vocês: se depender de mim não haverá corrupção neste país, quem sabe, num curto espaço de tempo.

Muito obrigado, gente. Parabéns a Bagé. Parabéns ao ministro Tarso Genro. Parabéns a todos vocês que contribuíram para que a gente pudesse trazer o ensino superior para essa metade Sul do Rio Grande do Sul.

Até outro dia, se Deus quiser.